



**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LUCIANA GOMES DE CARVALHO

LENITA: UM OUSADO DESPERTAR DA MULHER OITOCENTISTA

GUARABIRA – PB

2014

LUCIANA GOMES DE CARVALHO

LENITA: UM OUSADO DESPERTAR DA MULHER OITOCENTISTA

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Ms. Monaliza Rios Silva.

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C331I Luciana Gomes de Carvalho

Lenita: [manuscrito] : um ousado despertar da mulher
oitocentista / Luciana Gomes de Carvalho. - 2014.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Monaliza Rios Silva, Departamento de Letras".

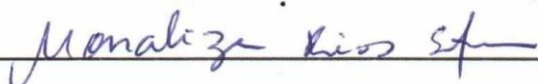
1.Patriarcado. 2.Sexualidade feminina. 3.Lenita I. Título.

21. ed. CDD 908.353

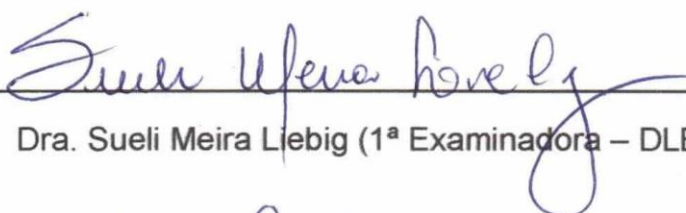
FOLHA DE APROVAÇÃO

O artigo intitulado "Lenita: um ousado despertar da mulher oitocentista", da autora Luciana Gomes de Carvalho, foi apresentado e aprovado no dia 07/03/2014 e obteve a média: 10,0 (DEZ).

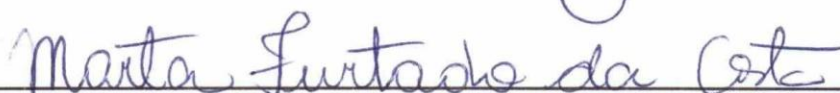
BANCA EXAMINADORA:



Ms. Monaliza Rios Silva (Orientadora – UFERSA, Campus Caraúbas)



Dra. Sueli Meira Liebig (1ª Examinadora – DLE/CH/UEPB)



Ms. Marta Furtado da Costa (2ª Examinadora – DLE/CH/UEPB)

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelo dom da minha vida e da sabedoria, possibilitando-me mais essa conquista.

Aos **meus pais** e, de modo especial, ao meu pai **Luis Florêncio**, que sempre me fez ir além com seu incentivo e seu orgulho ao me ver subindo cada degrau de minha vida acadêmica

À querida e inesquecível professora **Monaliza Rios**, que se colocou a meu dispor para a conclusão deste trabalho, como também me ensinou a sentir com a Literatura, não apenas ler, mas sentir.

Ao meu marido **Felype** que cooperou de forma incentivadora e parceira.

E a **todos os colegas** que fizeram parte desta jornada, confortando-me com palavras de incentivo.

A todos, meu muito obrigada.

RESUMO

Considerando a trajetória oprimida da figura feminina, buscaremos expor a figura contraditória dessa realidade com a personagem Helena Matoso (Lenita) da obra naturalista, *A Carne*, de Júlio Ribeiro, de 1888, que traz uma mulher rica, inteligente, ativa e ousada que rompe totalmente com as leis patriarcais da época e vai em busca da sua satisfação carnal sem se importar com as convenções de seu tempo .

Palavras-chave: Patriarcado. Sexualidade. Lenita.

ABSTRACT

Considering the trajectory of the oppressed female figure, this paper aims at exposing the contradictory figure of this reality with the character Helena Matoso (Lenita) in the naturalistic work, *A Carne*, by Júlio Ribeiro (1888), which brings a rich, intelligent, proud and bold woman who completely breaks with the patriarchal laws of that time and goes in search of her carnal satisfaction without regarding the conventions of her time.

Keywords: Patriarchy. Sexuality. Lenita.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. CARACTERÍSTICAS DO NATURALISMO	10
2. MULHER: SUA CONDIÇÃO X SUA SEXUALIDADE	14
3. LENITA: OUSADIA, SEXUALIDADE E ALTIVEZ.	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

Marcadas por longo tempo por rigorosas restrições, sendo destituídas do espaço público e impedidas de expressar seus desejos abertamente, as mulheres foram empurradas para o interior do lar, para a vida doméstica. Durante séculos envolvidas numa capa de silêncio, muitas mulheres têm sua vida pautada apenas na função de procriadoras de herdeiros para o contínuo refazer da família e da comunidade. Ou seja, a função primordial era a de reproduzir, de repor e de recompor o grupo social (PERROT, 2003, p.16). Como também eram vistas como seres inferiores, frágeis de corpo e mente, tinham que ser controladas em todos os sentidos, pois qualquer que fosse o desvio na sua conduta acarretaria numa ameaça para a constituição da família tradicional moralmente correta.

No tocante à sexualidade, essa repressão tomava proporções ainda maiores. Impossibilitadas de manifestar seus desejos por serem consideradas a imagem de santidade e também de perdição, a mulher vê seu corpo dilacerado em duas alternativas violentas, acarretando situações sociais, as mais desmedidas, dentro das concepções amorosa e sexual da cultura ocidental. Para reprimir o comportamento sexual feminino, o Cristianismo cuidou em propagar leis morais e retratar a imagem feminina como a origem de todas as mazelas humanas, marcando a trajetória das mulheres por um longo período histórico que começou a ser abalado, sistematicamente, a partir do século XIX.

É nesse momento que surgem os questionamentos sobre os códigos e costumes herdados pela sociedade ocidental e que, através de uma personagem de cunho naturalista, o escritor Júlio Ribeiro traz sua crítica muito ousada à cerca da condição sexual feminina. Dono de um discurso polêmico e radical, Ribeiro retrata, em *A Carne* (1888), o rompimento da mulher oitocentista com o forte patriarcalismo e rebate todo o exemplo romântico de mulher submissa, frágil e caráter inferior ao homem.

Helena Matoso, mais conhecida como Lenita é o *corpus* que buscaremos expor nesse artigo, por ter representado para o contexto histórico de sua criação não só um ruidoso escândalo pornográfico, mas um grande despertar para o novo papel

da mulher à frente da sociedade falocêntrica e moralmente hipócrita do ano de 1888. Temas como uso do corpo para a satisfação do prazer, sexo livre e fora do casamento, sem fins de procriação, histerismo, menstruação e outros mais foram abordados de forma corajosa e sem nenhum pudor, o que custou ao escritor críticas ferrenhas e nada agradáveis.

Este artigo foi dividido em três tópicos: o primeiro, “Características do Naturalismo”, faz um breve apontamento sobre a tendência naturalista, nos colocando a par de seu início, precursores e embasamentos, tendo em vista seus fundamentos científicos, respectivos autores e como cada um norteou as técnicas narrativas. Para tanto, destacamos as inferências de Antonio Candido (1993), em torno da tendência.

No segundo tópico, retrataremos a trajetória histórica da condição oprimida da mulher. Sua condição de submissa tão ditada e também seu despertar em busca de sua identidade sexual tão negada e estigmatizada. Aqui contamos com os fundamentos de Pauline Schimitt-Pantel (2003), Jacques Dalarun(1990), Jesus Antônio Durigan(1986), entre outros no que se refere à história da criação da mulher até a história da sexualidade.

No terceiro e último tópico, trazemos a concretização desse novo lugar ocupado pelas mulheres, no sentido de decidir sua condição com a representação de Lenita, que rompe e derruba tabus que eram sagrados e intocáveis pela sociedade. Sua postura ativa se impõe frente ao patriarcal e remonta a imagem da mulher retratada em seus mais íntimos e fisiológicos desejos, pois se coloca como dona de seu corpo, de suas vontades, de sua carne.

Embora cientes do seu valor fictício, em que o autor cria a personagem a partir de seus julgamentos masculinos, ainda assim destacamos o importante abrir de olhos que Helena Matoso (Lenita) provoca na sociedade, que no primeiro momento se escandaliza com ela, mas que intimamente se reconhece em sua mais limpa face.

1. CARACTERÍSTICAS DO NATURALISMO

O Naturalismo foi um movimento cultural relacionado às Artes Plásticas, à Literatura e ao Teatro. Surgiu na França, na segunda metade do século XIX. Na Literatura, seu precursor foi o escritor francês Émile Zola, a partir da publicação da obra "O Romance Experimental" em 1880, considerado o manifesto literário do movimento naturalista. Nele, o autor afirma que o desenvolvimento dos personagens e das situações deve ser determinado de acordo com critérios científicos similares aos empregados nas experiências de laboratório e que a realidade deve ser descrita de maneira objetiva, por mais sórdidos que possam parecer alguns aspectos.

Este movimento foi uma radicalização do Realismo, o qual se baseava na observação fiel da realidade e na experiência. Logo, o indivíduo se determina pelo ambiente e pela hereditariedade; como também veio para se contrapor à produção excessivamente idealista e imaginária do Romantismo. O mundo de cavaleiros destemidos, de virgens ingênuas e frágeis e o ideal de uma vida primitiva distante da civilização, tudo isso terminara. A arte e a literatura refletem essas mudanças. Em lugar do egocentrismo romântico, verifica-se um enorme interesse em descrever, analisar e até em criticar a realidade.

No Romantismo, o afastamento desta posição ideal se fez na direção e em favor da poesia, mais tarde, no Naturalismo, far-se-ia em direção da ciência e do jornalismo e, mais fundo, a disposição comum de sugerir certo determinismo nos atos e pensamentos dos personagens (CANDIDO, 1993, p. 113).

O Realismo na Literatura representa um período de renovação estética afinado às tendências filosóficas, políticas e científicas que impregnaram o pensamento europeu na segunda metade do século XIX. Paralelo a este, o Naturalismo se formula em um Realismo levado até as últimas consequências, pois procura dar explicações científicas para o comportamento e para as atitudes dos personagens. Estes são encarados como produtos de fatores externos, biológicos ou sociais: meios físicos, raça e hereditariedade.

As três principais tendências que sustentaram e caracterizaram o Naturalismo foram: o Determinismo, que tinha como criador Hippolyte Taine e que defendia a ideia que o comportamento humano depende das características fisiológicas do

indivíduo, do meio e do momento histórico. Influenciados por essa teoria, os romances naturalistas têm enredos presos à ideia de que “as leis naturais” são as únicas responsáveis pelo destino do indivíduo. Os personagens agem guiados pelos instintos e são resignados, já que seu destino não depende de sua vontade ou interferência.

A insistência dos naturalistas no determinismo inspirado pelas ciências naturais [...] se aplicava em mostrar os diferentes modos por que a ação e o sentimento dos homens eram causados pelo meio, os antecedentes, a paixão ou o organismo (CANDIDO, 1993, p. 114).

Outra tendência foi o Positivismo, de Auguste Comte, que determinava que apenas os conhecimentos baseados em fatos e dados da experiência seriam válidos. Para entender o mundo, bastaria observá-lo, experimentá-lo e compará-lo, como em um procedimento científico. Na Literatura, o Positivismo influenciou a criação dos personagens, fazendo o escritor se sentir no dever de revelar o que leva seus personagens a agirem como agem (comparando as atitudes de uns com os outros), qual a verdade por trás de seu comportamento em sociedade.

E por fim, o Evolucionismo. Em sua obra “A Origem das Espécies”, de 1859, Charles Darwin apresenta a teoria da seleção natural, segundo a qual sobrevivem as espécies que melhor se adaptam ao meio ambiente. Darwin apresenta o ser humano como uma espécie entre outras tantas, uma ideia que causou escândalo, pois contradizia a noção da criação divina (Criacionismo). No caso da Literatura, o darwinismo se manifesta nos personagens que, agindo movidas pelos instintos, e não pela razão, se igualam a outras espécies.

A visão naturalista é essencialmente cientificista e determinista: o ser humano age por instinto, não tem o poder de interferir em seu destino por meio da razão ou da vontade, mas de sua condição biológica.

A chegada do Naturalismo no Brasil se registra no final do século XIX. Os autores naturalistas criavam narradores oniscientes, impassíveis para dar apoio à teoria na qual acreditavam. Exploravam temas como a homossexualidade, o incesto, o amor livre, as paixões exageradas, as bestiais e o desequilíbrio que leva à loucura, criando personagens que eram dominados por seus instintos e desejos, pois viam no comportamento do ser humano traços de sua natureza animal.

A publicação da obra “O Mulato”, de Aluísio de Azevedo, no ano de 1881, marcou o início do Naturalismo brasileiro. Além de Aluísio de Azevedo, outros autores também se destacaram como: Adolfo Caminha com a obra “O Bom Crioulo” (1895), Raul Pompéia, com “O Ateneu” (1888) e Júlio Ribeiro, com a polêmica “A Carne”, em 1888.

Considerado o *corpus* desta pesquisa, o romance “A Carne” provocou ruidoso escândalo por abordar temas até então ignorados pela Literatura da época, como o amor livre, a menstruação, o casamento como instituição destinada ao fracasso, o divórcio e um novo papel da mulher na sociedade. Alvo de muitas críticas e muita censura, sendo até caracterizado como “A Carniça”, pelo Padre Sena Freitas (FREITAS, 1888 *in* RIBEIRO, 1972, p. 186)¹.

A obra, por muito tempo, foi tida como obscena: “É o parto monstruoso de um cérebro artisticamente enfermo” (VERÍSSIMO, 1978, p.188), cujo “cérebro” era o próprio autor. Em contrapartida, foi um dos livros mais discutidos e populares do país e ainda hoje são vendidas edições antigas da obra e recebidas, em nosso século, várias adaptações para o cinema. A maior qualidade do romancista não está precisamente em sua ficção, mas em sua disposição para chocar uma sociedade moralmente hipócrita que veio por décadas lhe aprisionar à margem da grande Literatura.

Sobre as temáticas naturalistas, temos neste autor: manifestações de desejo sexual, sadismo, ninfomania, perversões, sexo e nudez, como podemos ver nos seguintes trechos de *A Carne* (RIBEIRO, 1997):

[...] sentia-se ferida pelo agulhão da carne, espolinhar-se nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer (p. 17).

[...] ficara cruel: beliscava as crioulinhas, picava com agulhas, feria com canivete os animais que lhe passavam ao alcance (p. 30).

por sob os seios rijos, protraídos, afinava-se o corpo na cintura para alargar-se em quadris amplos (p. 21).

1 Este publicou sua crítica em *Diário Mercantil*, 1888. Vide: FREITAS, Sena. “A Polêmica Júlio Ribeiro e o Padre Sena Freitas.” In: RIBEIRO, Júlio. **A Carne**. São Paulo: Editora Três, 1972, p.186.

O olhar sobre a obra se dividiu entre a estética e o julgamento moral, ainda mais pelo fato da personagem ser uma mulher. Uma mulher diferente, ativa, grandemente instruída e que demonstrava intensos desejos sexuais. A personagem principal, Helena Matoso, mais conhecida como Lenita chocou a sociedade do final do século XIX, causando-lhe incômodo, que ainda via a mulher como um ser passivo, devendo ser sempre inferior aos homens.

Decerto, todo o espanto causado pela obra não se deu apenas pelo erotismo da trama, mas também por causa de uma mulher rica, inteligente e independente ser colocada como dona de seu próprio destino e principalmente de seu corpo, trazendo o surgimento da mulher independente e quebrando tabus da época.

O livro narra a ardente trajetória desse romance singular, muito rico em detalhes, com linguagem simples e muito minuciosa, o cientificismo nas conversas de Lenita e Barbosa retratam a influência das correntes filosóficas que se destacavam no mundo, conforme se vê na passagem: “Era a exposição das teorias transformistas de Darwin e Haeckel, por Viana de Lima. Lenita ficou doida de contente com a novidade escrita em francês por um brasileiro (RIBEIRO, 1997, p. 46). Como também a grande batalha entre a mente e a carne, o que faz o enredo caminhar para seu desfecho trágico.

No entanto é notável e muito singular a maneira como a representação da personagem feminina se faz nessa obra, porque Júlio Ribeiro coloca em cheque o papel que a heroína vinha ocupando nas obras vigentes na época e inverte a posição da fêmea devastada e do macho opressor, clássica no romance brasileiro, conferindo à mulher uma identidade até então negada.

2. MULHER: SUA CONDIÇÃO X SUA SEXUALIDADE

Desde sempre nos foi colocada a ideia da subordinação feminina ao homem, sendo ditada e exigida como algo natural. Escrava do patriarcalismo, a imagem feminina por muito tempo representou a submissão, passividade e fragilidade. E socialmente tinha seu papel bem definido: o de reproduzir, de repor e recompor o grupo social, além de zelar pela vida doméstica.

Para Navarro (1990), a ideologia patriarcal é introduzida num indivíduo através do seu contato com um grupo social. Nela, desde a infância, as pessoas são ensinadas a ser mulher ou homem – em vez de, simplesmente, seres humanos – por meio de condicionamentos e pré-disposições culturais que as fazem sentir-se compelidas a ter um comportamento diferenciado e a assumir uma posição determinada em razão de seu sexo.

A educação destinada às mulheres também era baseada em propósitos para o aprendizado dos afazeres do lar, sem haver, contudo, uma preocupação com a instrução profissionalizante, chegando aos casos mais raros ao ensino de introdução às primeiras letras, quatro operações e concluíam com coser e bordar.

Na Idade Média, o fortalecimento do Cristianismo delimitou ainda mais o papel social da mulher. A ideia do corpo feminino como instrumento de perdição e sinal do pecado original contribuiu para disseminar a visão negativa da mulher. Segundo Schimitt-Pantel (2003, p.130), o Cristianismo associa a criação da mulher à origem daquilo que se pode denominar 'condição humana', ou seja, a introdução da morte e do mal no mundo. E a ela atribui uma responsabilidade maior pela obrigação do trabalho árduo a que está sujeita a existência humana.

Assim, a igreja reconheceu nas mulheres a reprodução da imagem de Eva, a transgressora que permitiu como Pandora a entrada do pecado no mundo. Essa consciência coletiva perpetuou a visão medieval da mulher como inimiga. Dalarun (1990, p. 34) cita o medievalista Raoul Manselli e descreve o sexo feminino, à luz da concepção medieval.

Envenenou o nosso primeiro pai, que era também o seu marido e pai, estrangulou João Batista, entregou o corajoso Sansão à morte. De uma certa maneira, também , matou o Salvador, porque , se a sua falta o não tivesse exigido, o nosso Salvador não teria tido

necessidade de morrer. Desgraçado sexo em que não há temor, nem bondade, nem amizade e que é mais de temer quando é amado do que quando é odiado.

Esse olhar foi elemento importante no processo de exclusão da mulher e se perpetuou durante séculos. A mulher teve seu comportamento bem apontado, a partir daí: deveriam ser castas no corpo e pensamentos. Se fossem casadas deveriam privar-se do prazer e somente permitir-se à concupiscência em prol da procriação, caso contrário, desviavam-se do caminho santo.

As viúvas deveriam renunciar à busca de um outro marido; e as virgens deveriam permanecer imaculadas e a sua pureza guardada até o dia do casamento. O ideal da perfeição para as mulheres correspondia, na verdade, à tentativa de controle das funções do corpo, do desejo desenfreado, da repressão da sexualidade, do corpo feminino. Buscava-se a manipulação e o domínio, em todos os aspectos, do corpo feminino.

Com o advento da Era Vitoriana, a sexualidade feminina foi considerada uma ameaça à ordem. A história da representação da mulher é condicionada por ideais simples, mas ameaçadores e castradores sendo, por isso, impossíveis de extinguir da consciência coletiva. Nesse sentido, a sexualidade passou a ser encarada como um “pecado moral”, uma infração às leis sociais.

Acreditava-se que as representações eróticas e a prática sexual que não visasse à procriação poderiam “levar ao desagregamento da família burguesa e, conseqüentemente, a um possível rompimento das regras instituídas como responsáveis pela organização sócio-política da sociedade” (DURIGAN, 1986, p.20).

Desse modo, o casamento foi imposto como a única possibilidade da mulher virtuosa manter contato sexual. Caso contrário, havia como que a profanação do corpo. O laço matrimonial unia a mulher ao seu marido; agora, ela devia a ele satisfações pessoais, além de descendentes, mas nada que fosse relacionada ao uso do prazer.

No entanto, essa imposição de limites e repressão aguçou mais a ideia da busca pelo proibido, abrindo espaço para a prostituição, a qual foi aceita socialmente como válvula de escape para o exercício do poder masculino. O homem não poderia abster-se do prazer. Como a mulher estava impedida de usar seu corpo para o prazer, o envolvimento com a prostituta solucionava a satisfação dos prazeres do homem e mantinha a pureza da esposa.

Esse panorama é bem explicado por Mary Del Priori (1989, p.21),

As prostitutas foram úteis para a construção e valorização do seu oposto: a mulher pura, identificada como a virgem Maria e distante da sexualidade transgressora. Pacificadoras da violência sexual contra as donzelas casadouras e do desejo que pusesse em risco a fidelidade às esposas, as prostitutas, aos olhos da igreja, eram a salvaguarda do casamento moderno

No Brasil, ao longo do século XIX, as transformações sociais iniciadas com a transferência da Corte Portuguesa, não só acelerou o processo de modernização da cidade como alterou o modelo de comportamento familiar, delineando, aos poucos, um novo papel para a mulher. A figura feminina passou a ter um lugar de destaque na organização social da família. A sociedade oitocentista passou a abrir as portas dos sobrados e procurou transformá-los em luxuosos salões para as “importantes reuniões burguesas”.

O prestígio e o sucesso da família são transferidos para as mãos das esposas que recebem a incumbência de ostentar a posição e as condições sociais do marido por meio de seu comportamento, sua vestimenta e as joias que ostentava, além de sua maneira de receber e de se insinuar junto aos homens de prestígio de quem o marido dependia para encaminhar sua carreira política e econômica.

Comparada a um “objeto” pertencente à propriedade do marido, a mulher oitocentista apresenta-se como um meio pelo qual a posição social chega ao seu lar, (MURICY, 1988, p. 57) relata:

A corte pedia a “mulher de salão”, a “mulher de rua”. Os grandes negócios do marido a requeriam, o pequeno comércio da rua a chamava. A mulher de posses devia expor-se ao mundo: nos salões das residências, nos teatros, nas recepções oficiais, nos restaurantes que começavam a surgir. Abandonava a alcova, a intimidade auto-suficiente das casas, tiravam as mantilhas ibéricas e ganhavam as ruas em busca de artigos de luxo franceses e ingleses. As ruas que concentravam o comércio feminino enchiam-se de elegantes, e os vendedores e mascates de porta, indispensáveis na família antiga, perdiam rapidamente a sua utilidade. Compenetradas de sua nova situação social, as mulheres abandonavam seus antigos hábitos e tratavam de europeizar seus corpos, seus vestidos e seus sentimentos.

Dessa forma, a mulher passa a ter sua imagem deslocada do interior do ambiente doméstico para o espaço público, sendo percebida e exibida por toda a sociedade. Ela transforma-se no espetáculo social dessa classe em formação; é a publicidade masculina.

Também na Literatura, as personagens femininas foram refletidas pelas imposições do patriarcado e reduzidas ao silêncio. Recriadas pelo olhar alheio dos autores masculinos, porém tornam-se seres audíveis, de posse da linguagem sendo expostas em suas ações, olhares e vestimentas.

Nesse momento passa a acontecer uma leve abertura nos códigos de repressão da “carne”. A sexualidade da mulher aflora e ela é a primeira personagem a ser investida desse dispositivo. Até então vivera a margem de direitos sociais e de forma ociosa, e agora começa a perceber-se como um ser provido de sexualidade, repleto de desejos e ansiosa por satisfazê-lo.

No entanto, essa manifestação feminina foi reconhecida e imediatamente reprimida e tratada como patologia durante muito tempo, visto como um histerismo que deveria ser combatido e controlado. Mulheres que almejavam o prazer sexual eram definitivamente anormais e consideradas seres desprezíveis no meio social (GIDDENS, 1993, p. 31).

Contra essas imposições de silêncio e repressão, a mulher do século XX começou a lutar pela autonomia de seu corpo, desafiar proibições e quebrar tabus. Assim surgia o movimento feminista, defendendo o direito ao amor, ao desejo, permissões sociais concedidas ao sexo oposto de possuírem relações extraconjugais e também redirecionar o papel da prostituição. No seu artigo *Herrenmoral*, de 1993, Anna Pappritz (apud JUSEK, 1995, p. 181) assegura que:

Embora se dissesse que os perigos da abstinência afetava ambos os sexos, apenas exigiam satisfação para os homens! Mas por que deveriam os homens buscar satisfação na prostituição quando existe abundância de mulheres não –casadas? – poderia perguntar algum ingênuo morador de província, que não fosse treinado em lógica pelas universidades alemãs. Bem, o homem não deseja somente satisfazer suas necessidades legítimas: ele deseja ser liberado de suas consequências desagradáveis (filhos, pensões). Por isso, ele criou a prostituição.

Com esse surgimento de uma nova “figura feminina”, os escritores transferem para os romances dessa época essa mulher moderna e ousada. Júlio Ribeiro ousa ao seu modo e conforme seus traços nada moralistas, porém sociais e expõe o comportamento dessa nova mulher que marcará a literatura do século XIX. Em *A Carne* (1997), percebemos a exposição sem nenhum receio dos desejos sexuais da mulher, trazendo à tona a crítica à moral de fachada.

A postura ativa de Lenita redireciona e amplia os limites impostos pela sociedade para a mulher, concedendo-lhe liberdade do uso de seu corpo, de suas vontades carnis e de suas decisões opostas ao “correto” para a sociedade.

No entanto, vale salientar que apesar da preocupação do escritor em retratar a vida por meio da Literatura, e que, por mais reais que pareçam ser, as personagens são “mulheres de papel”, e que ao serem construídas por meio da linguagem estão sempre sujeitas a serem reescritas; são portanto, reflexos do julgamento de seu autor e dos anseios da sociedade a que pertencem.

Portanto, enquanto criações, as personagens ficcionais nos conduzem a indicações sobre o comportamento social e são construídas conforme a mente criadora de seus autores, refletindo a postura da época, ideais, características e críticas estabelecidas em cada período literário.

3. LENITA: OUSADIA, SEXUALIDADE E ALTIVEZ

Protagonista de grande escândalo e ousadia, a personagem de Júlio Ribeiro provocou forte polêmica na sociedade conservadora do século XIX. Imagem genuína do Naturalismo figurou-se como leviana, impulsiva e, absolutamente, contrária à imagem sagrada atribuída à mulher. Moça bem instruída, pertencente à alta burguesia, Lenita rompe com o patriarcalismo e se coloca como dona do seu corpo, de suas vontades, de sua carne.

A imagem de uma moça de família retratada com grande apelo ao sexo livre, fora do casamento e sem fins para procriação, foi sem dúvida uma ousadia de Júlio Ribeiro, escandalizando a sociedade “habituada a ver-se nos painéis de Macedo e Alencar, sente-se violentada quando seus defeitos, vícios e atitudes comportamentais passam a ser inquiridos de forma crítica” (BRAYNER, 1973, p.18).

Com o compromisso de representar uma sociedade em transformação e reagir aos processos românticos, surgia na segunda metade do século XIX, o Naturalismo. Tendo sustentação nos elementos fornecidos pelas ciências do homem, da natureza e os recursos da análise científica. Referindo-se à contribuição do modelo externo e sua influência no panorama literário nacional, Lúcia Miguel Pereira diz:

Com o advento do Naturalismo, porém tudo mudou. Passou a ser experimental e, portanto, científico, o romance adquiriu a todos os olhos importância e dignidade, deixou de representar um passatempo da categoria dos bordados. Já não se precisaria reger pelas preferências e melindres femininos. E o sexo, que dantes fora banido das narrativas, entrou a ocupar uma posição exagerada, refletindo talvez, uma mudança de ponto de vista em relação às mulheres. O determinismo biológico então em voga e as lições de Charcot sobre a histeria transformaram, efetivamente, em fêmeas os antigos anjos. Os estudos de temperamento desbancaram os casos puramente – nos dois sentidos- sentimentais (PEREIRA, 1957, p. 26).

Em 1888, o lançamento de *A Carne*, que já traz no título a inferência ao conteúdo não tão conservador, não foi bem recebido e nem visto com bons olhos pelas famílias tradicionais paulistanas. A obra foi considerada pornográfica e, conseqüentemente, proibida, pois dentro da moral social do século XIX, repleta de

tabus e preconceitos, qualquer descrição do comportamento sexual, ou mesmo nudez, era vista como pornográfica ou obscena, e “a retratação da sexualidade fora dos princípios do casamento e da procriação era contra os preceitos de Deus” (STEINEM,1997, p.288).

Diante de tamanho choque contra a imagem imaculada da mulher romântica, Ribeiro foi extremamente criticado e apontado como imoral, despertando a fúria de uns como também o elogio de outros. Sobre isso afirma Josué Montelo:

Nenhum livro agregou tanto com *A Carne*, desde a hora de seu aparecimento, as mais voluntárias opiniões. Se José Veríssimo, com desassombro acoimou a obra de “parto monstruoso de um cérebro artisticamente enfermo”, Tito Lívio de Castro, na mesma época, externava essa opinião entusiástica: *O naturalismo está vitorioso e a vitória é assegurada pela Carne* (MONTELO,1955,p.68, grifo do autor).

A representação um tanto quanto fora dos costumes já bem estabelecidos para as mulheres foi o grande incômodo tanto no social quanto no moral para a época. O modelo de mulher instruída, rica e independente ainda não cabia no quadro patriarcal de 1888.

Desde sua infância, Lenita se comporta de maneira adversa, quando ao ficar órfã de mãe é criada pelo pai, o qual se incumbiu de oferecer à menina uma educação totalmente oposta àquela oferecida às jovens da época.

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha, porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleto na literatura do tempo (RIBEIRO,1997,p.9).

Dessa forma conferimos desde o primeiro momento do livro, uma inversão nos papéis masculinos e femininos, pois Lenita é quem recebe do pai os conhecimentos necessários para dar continuidade ao nome e à sagacidade da família. No entanto, é por causa desse forte grau intelectual que ela passa a desdenhar os homens e a desprezar o casamento, como podemos observar no diálogo que tem com o pai:

Sabes que mais? Estou convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimento acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O casamento fez-se para a mulher, e a mulher para o homem... Não achas, de certo, homem algum digno de ti?

- Não é por isso, é que ainda não sinto a tal necessidade do casamento. Se eu sentisse, casar-me-ia.

-Mesmo com um homem medíocre?

- De preferência com um homem medíocre... Demais, se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre mulher abaixo de si, Por que que eu, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que me fosse inferior?(RIBEIRO,1997,p.10).

A partir desse trecho, podemos perceber que Lenita, se coloca como ser que se iguala a figura masculina com escolhas e direitos iguais, o que já inicia um rompimento com a forte ideia das regras tão institucionalizadas e obedecidas na época. Todo o conhecimento depositado em Lenita modifica a sua postura e a transforma em uma crítica de sua condição.

Porém, esse mesmo conhecimento tão elevado a contraria no momento em que se reconhece uma escrava de suas condições fisiológicas que vão começar a se manifestar colocando-a em um conflito entre corpo e mente. Ela começa a sofrer crises de histerismo, termo usado durante muito tempo para definir e reprimir demonstrações do desejo sexual feminino considerado como patologia. Reconhecendo-se como escrava de seu corpo, de suas necessidades Lenita se sente humilhada pois disso o seu alto conhecimento não lhe podia salvar.

Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a ciência, não passava, na espécie de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era necessidade orgânica do macho. Invadiu-a um desalento imenso, um nojo invencível de si própria (RIBEIRO,1997, p. 16).

Mas também essa condição tão arbitrária de seu corpo a fazia sentir que era um pouco da mulher submissa e frágil, que de algum modo esse autoconhecimento lhe trazia o manual do seu organismo, o que ela já conhecia em teoria estava agora sendo colocando em prática, possibilitando seu controle. Ela conhece, sente e agora controla ou ao menos opina como e com quem quer vivenciar seus desejos sexuais.

Desse modo, Lenita se afigura como uma mulher altiva, dominadora e à frente de seu tempo, pois mesmo pertencente a uma sociedade falocêntrica, opõe-se à posição de subalterna na estrutura social e familiar em que fora gerada. Ela deixa de representar a futura esposa para assumir o papel de fêmea.

Lenita busca agora alguém que a ajude nessa nova experiência, quer se conhecer, fazer uso de seu corpo para o prazer negado às mulheres de família, pois no cumprir hipócrita dos papéis sociais, isso caberia apenas às prostitutas. Com humor e precisão, a sensibilidade da mulher contemporânea acusa a herança: “Aprendi com mamãe que nunca teve queixa, mulher perdida goza, mulher direita deixa” (PEREZ *apud* SAVARY1984, p.169).

Ao saber da existência do filho do coronel Barbosa e ainda de sua invejável erudição, Lenita passa a ver nele um voluntário para suas necessidades.

E Lenita daí em diante pensou sempre, mesmo a seu pesar, nesse homem excêntrico... Figurava-o em uma virilidade robusta que, se já não era mocidade, ainda não era velhice; emprestava-lhe uma plástica fortíssima atlética, dava-lhe olhos negros, imperiosos, profundos dominadores (RIBEIRO,1997, p.26).

Apesar de uma descrição um tanto romântica e idealizadora, percebemos o erotismo velado nas atribuições que Lenita faz a Manuel Barbosa, ela anseia pela chegada dele porque vê nesse regresso a possibilidade de concretizar sua sexualidade até então vivenciada de maneira valha, com sonhos e visões. No entanto sua decepção ao conhecer Barbosa num primeiro momento, a faz saltar ainda mais em ousadia, desprezando mais uma vez os princípios sociais, como podemos observar na passagem:

Se era necessidade orgânica, genésica de um homem que a torturava, por que não escolher de entre mil procos um marido forte, nervoso, potente, capaz de satisfazê-la, capaz de saciá-la? E se não lhe bastasse, por que conculcar preconceitos ridículos, por que não tomar dez, vinte, cem amantes, que lhe matassem o desejo, que lhe fatigassem o organismo? Que lhe importava a ela a sociedade e as suas estúpidas convenções de moral?(RIBEIRO,1997,p.40).

Visto assim, não era um sexo puro e simples que ela queria e nem um homem para constituir família, mas sim um sexo que não tivesse um compromisso

moral com a sociedade e um homem que lhe desse prazer, que pudesse satisfazer os desejos de sua carne, até porque esse prazer não lhe seria permitido no casamento.

Quando então sua relação com Barbosa se torna mais estreita e os dois passam a desfrutar das pesquisas e dos estudos, ambos são surpreendidos por uma afeição que mais tarde vai se transformar num ardente romance. A presença de Lenita passa a apoderar-se da mente de Barbosa e o esmaga nas entranhas do desejo, ele se vê totalmente vencido pela beleza, inteligência e juventude dela. No entanto, se mostrando mais uma vez surpreendente e como senhora de suas decisões é ela quem o procura em seu quarto, na busca de sua saciedade.

E ela queria Barbosa, desejava Barbosa, gania por Barbosa. [...]

Lenita perdeu completamente a cabeça, entrou: em bicos de pós, sem fazer rumor, escorregando, deslizando, como um fantasma, abeirou-se da cama de Barbosa.(RIBEIRO,1997, p. 111).

Nesse momento, Lenita rompe definitivamente com toda a boa conduta feminina, sua ambição por prazer e satisfação aos desejos da carne contraria as leis que fizeram parte de sua educação, mas viver aquela experiência já vinha sendo esperada há muito tempo e ela não iria abrir mão dela por tão hipócritas imposições. Após alguns meses dessa vida clandestina de prazer desenfreado e de erotismo, Lenita se vê em um dilema. Ficara grávida de um homem casado, e a sociedade que antes não a impedia de viver suas vontades agora lhe preocupava, seu lugar no meio social não seria mais o mesmo caso seu caso e o fruto dele fossem conhecidos.

Diante disso, finalizando suas surpreendentes decisões, talvez a mais significativa para o momento de transformação desse quadro romântico da mulher, ela decide ir embora e casar-se com um homem livre que pudesse assumir a ela e a seu filho, sem se importar com Barbosa que ao saber de seus planos sucumbe, mostrando sua fragilidade totalmente inversa a Lenita que decide seu futuro e vai em busca dele.Diferente das heroínas românticas, ela não espera pelo fim humilhante ou repressivo que era esperado ;ela vai ao encontro da solução para seu dilema.

Essa nova postura para a mulher é um ponto latente em *A Carne*, apesar de Lenita talvez ter tido que se adequar às imposições sociais, ela ainda ostenta sua altivez, quando impõe condições ao marido que arranjara e abandona Barbosa sem remorso algum, este talvez não passara de mais um experimento que ela quisera conhecer e quando se fez conhecedora dele o abandona para viver outros que a vida lhe oferecesse.

O desfecho trágico do romance lança um novo olhar sobre como o homem é dominado pela sua carne, mas também, e este como o ponto mais relevante é o alerta para o reconhecimento de um novo compromisso com a imagem feminina que vai além de frágil e dominada para fêmea forte, capaz de ser sua própria guia sem a necessidade da presença da sociedade representada na figura do homem opressor ditando-lhe as regras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O moralismo compulsivo imposto pela sociedade do século XIX para a vida sexual de seus cidadãos, desde cedo teve sua parcela reforçada sobre a figura feminina, condicionando e ditado a repressão da sexualidade e garantindo-lhe patentes bem definidas.

O casamento era o único meio de consumação carnal, este, no entanto, com fins já pré-estabelecidos: gerar filhos. No entanto, para os homens essa condição tinha exceção. E é em meio a essa hipocrisia burguesa que o Naturalismo cuidou em expor a face mais bela e polêmica do sexo fora do casamento. A personagem Lenita, não fora nem de longe a figura que a sociedade estava acostumada a observar da mulher e foi por isso que julgamos importante sua exposição nesse artigo.

Sua postura diferenciada de mulher culta a igualava a qualquer homem e lhe conferia a autonomia necessária para decidir sobre sua vida amorosa e sexual, impondo-se a em meio à sociedade machista e opressora. Sua imagem contraditória à mulher passiva e casta lhe tornava a representação fiel do Naturalismo, contrapondo-se as heroínas românticas de colo de mármore esta privilegiava o sexo e sua prazerosa satisfação orgânica.

Além do choque que Lenita causa, ela representa uma porta voz que representa um início para a virada na história social da mulher, com todo o seu desprendimento às leis patriarcais e a convicção de que a mulher pode ser autora de seu destino.

REFERÊNCIAS

BRAYNER, Sofia. **A Metáfora do Corpo no Romance Naturalista**: estudo sobre 'O Cortiço'. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.

CANDIDO, Antonio. **Formação de Literatura Brasileira**. Vol.2. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1993.

DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigos. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). **História das Mulheres do Ocidente**: A Idade Média. Trad. Ana Losa Ramalho *et al.* Porto: Afrontamento, 1990.

DEL PRIORI, Mary. **A Mulher da História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Ática, 1986.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

JUSEK, Karin J. A Moralidade Sexual e o Significado da Prostituição na Viena do Fim do Século. In: BREMMER, Jan (Org.) **De Safo a Sade** – Momentos da História da Sexualidade. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Papyrus, 1995.

MONTELO, Josué. A Ficção Naturalista – Aluisio de Azevedo, Inglês de Sousa, Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A Literatura no Brasil**. V. II. Rio de Janeiro: Editora Sul- Americana S.A., 1955.

MURICY, Kátia. **A Razão Cética**: Machado de Assis a as questões de seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NARRAVO, Márcia Hoppe. A Ideologia Patriarcal em *A Casa dos Espíritos*. In: GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida (org.). **A Mulher na Literatura**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira**. Vol. XI. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

PEREZ, Glória. Pré-nupcial. In: SAVARY, Olga (Org.). **Carne Viva**. 1ª Antologia Brasileira de Poemas Eróticos. Rio de Janeiro: Anima, 1984.

PERROT, Michelle. Os Silêncios do Corpo da Mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de Matos & SOIHET, Raquel (org.) **O Corpo Feminino em Debate**. São Paulo: UNESP, 2003, pp. 13-27.

RIBEIRO, Júlio. **A Carne**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

SCHMITT- PANTEL, Pauline. A **Criação da Mulher: um ardil para a história das mulheres?** In: MATOS, Maria Izilda S. de Matos & SOIHET, Rachel (org.) **O Corpo Feminino em Debate**. São Paulo: UNESP, 2003, p. 129-156.

STEINEM, Glória. O Erótico vs. O Pornográfico. In: **Memórias de Transgressão: momentos da história da mulher do século XX**. Trad. Claudia Costa Guimarães. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997, pp. 282-296.